

O PAPO DE QUEM SABE DAS COISAS

O que fica para a minha querida aluna, e para mim mesma, é que devemos ter coragem para experimentar o que nos atrai, qualificar nossa espontaneidade, trazer sentido para nossas emoções. Sair desta roda-viva que está levando para longe o que temos de mais consistente. Precisamos abrir a janela e nos deixar florescer ao sol do estímulo, do entusiasmo e da alegria do fazer por escolha e prazer.

DANIELA GRACINDO



SEJA UM VENCEDOR

Pense, reúna todo o conhecimento que puder e persevere. As melhores oportunidades não caem do céu, não derivam de conluíus ou favores; chega-se a elas pelo trabalho duro e constante na direção do que se quer.

Sugiro acessar os sites abaixo. Nada há de novo sob o Sol, basta apenas um mínimo de honestidade para desgrudar os olhos dos casuísmos e fazer uma avaliação correta, sem maquiagem, de pessoas e circunstâncias. Essa avaliação deve ser feita pelo cidadão-eleitor-contribuinte, no final das contas o único que realmente importa.

Acesse estes sites:

www.brasil247.com/.../Livro-bomba-revela-como-FHC-comprou-sua-re...
www1.folha.uol.com.br/.../1334864-livro-contr-a-fhc-revela-fonte-que-p...
www.cartacapital.com.br/revista/.../as-desventuras-do-principe-3780.htm
fernandorodrigues.blogosfera.uol.com.br/.../conheca-a-historia-da-comp
cartamaior.com.br/?/Opinio/A-compra-de-votos-para-a...de-FHC/
geracaoeditorial.com.br/o-principe-da-privataria/

Compra da reeleição: FHC desafiou, então aqui está o vídeo
correntesdaescravidao.blogspot.com/.../compra-da-reeleicao-fhc-desafio...

O PAPO DA SEMANA

As epopeias, os grandes romances, têm um componente pessoal bastante acentuado. Desde um fato corriqueiro até acontecimentos importantes, dependendo de quem os reporte, de quem os descreva, romanceando ou comentando tecnicamente, os mesmos fatos se podem apresentar com tintas das mais esmaecidas e sem graça às mais vibrantes e espetaculosas. Depende muito da imaginação ou das razões que determinem a sua forma romanceada ou o seu relato frio e direto. Fosse Romeu e Julieta escrito por um panfleteiro de feira-livre ou ocasionalmente narrado por uma pessoa prática, direta e sem queda ou atributos para o romance, admitindo-se que tenha pelo menos laivos de veracidade, provavelmente o *acontecido* ficaria entre as donas-de-casa mais preocupadas com o jantar do marido e filhos do que com literatura de modo geral, ou no círculo restrito da família e amigos mais íntimos, como ocorre geralmente nas doenças mais graves, sobre as quais normalmente não se fala.

O Brasil não vai acabar por causa de 2 meses seguidos de PIB negativo, em regra admitido pelos técnicos como sinais recessivos, cujos ciclos, uma vez instalados, estatisticamente falando, giram em torno dos 6 meses.

Na sequência mais recente de governos, tivemos a profunda recessão de 1998-1999. Uma forte desvalorização do Real e a moratória Russa de 1998 refletiram-se no todo da Economia; o PIB recuou 1,6%, contração próxima à de agora, 1,9%. As alíquotas do CPMF foram majoradas, o Cofins foi aumentado e “truculência” legal-fiscal foi praticada; depósitos judiciais em garantia de questionamentos fiscais foram simplesmente apropriados. Tecnicamente falando, o nome disso é confisco. Vivíamos uma época em que o FMI, cuja insensibilidade e desacertos dispensam comentários, ditava as regras na Economia, o país era administrado de fora para dentro.

Os inativos foram alvo de investidas para cobrar-lhes contribuição previdenciária, socialmente injusta e sem previsão legal, jamais cogitada e democraticamente rechaçada e fracassada. O governo, incapaz e sem imaginação, foi ao FMI, resultando a ajuda-grilhão em função da qual, a cada mês, desembarcava por aqui um grupo de auditores para fiscalizar as nossas contas. Espionagens eram desnecessárias, a vida brasileira, sob todos os aspectos, era continuamente escancarada; quase mensalmente o Ministro da Fazenda, pastas debaixo do braço, viajava para o Norte, relatórios e oitiva de instruções em sua pauta. Não eram circunstâncias, digamos, muito honrosas. Soberania? Sei lá, o que você acha?

Em Dezembro de 1998 dependíamos quase exclusivamente de empréstimos externos; as transações correntes atingiram USD34.945 bilhões, correspondente a 4,48% do PIB. Somente para pagar o serviço da dívida externa, o país desembolsou USD21.279 bilhões; em 1997 já havíamos pago USD17.289 bilhões, USD12.095 bilhões só de juros. Das nossas minguadas reservas foram consumidos USD8.492 bilhões. A política adotada pelo governo provocou absoluta dependência externa da Economia brasileira. Os juros pagos subiram de 16 bilhões de Reais em 1995 para 84 bilhões de Reais em 1999. Nesse passo, o crescimento médio anual do PIB entre 1991 e 1999 foi de 2,36%, praticamente a mesma taxa do crescimento demográfico; os economistas chamaram a isso a *década perdida*. Éramos um país de coitadinhos desesperançados que não mandava em si próprio.

Indispensáveis, ajustes no Plano Real foram ignorados por serem impopulares, o governo lutava por reeleger-se. Os resultados não tardaram, as altas taxas de juros e o enganoso câmbio supervalorizado foram mantidos; nossas reservas internacionais perderam mais de USD30 bilhões. Não obstante o quadro caótico, a dívida externa e o risco cambial foram estatizados; agravada a crise cambial, bancos e instituições de crédito em geral ficaram livres das suas obrigações em moeda estrangeira e do risco cambial. O contribuinte pagou a conta do banqueiro.

Todas as recessões começam e acabam com o mercado. Entenda o processo, simplificando:

A atividade econômica começa a encolher, a população gasta menos, o comércio perde força, as fábricas produzem e vendem menos, vão-se os empregos, as contribuições previdenciárias, os impostos; resultado, o governo perde recursos, enfraquece, os oportunistas de plantão carregam a mão nas críticas. Agora entenda a origem: Some, ou some-se, com o dinheiro do mercado, as taxas de juros disparam quando o *deficit* se instala, juntamente com apetites e medo em todos os setores da economia, a cotação das moedas estrangeiras eleva-se. Muita gente ganha dinheiro com isso.

E como a recessão vai embora? Mesmo que nada seja feito, até porque, nesse quadro, há muito pouco a fazer além de lutar *paramanter o barco na tona*, barco esse que algumas figuras insistem em torpedear, chega o momento em que os donos do dinheiro, os mesmos que sumiram com ele do mercado, por estas ou aquelas razões, entre elas algumas condenáveis, decidem que é hora de o recolocarem no sistema financeiro, com reflexos na atividade econômica; então, como quem não quer nada, voltam com ele ao mercado e a recessão acaba aparentemente por si mesma. Não é bem assim, acaba pelas mãos de quem a começou e, se assim não fosse, não estaríamos aqui para assistir o fim das que se foram e dessa que também se irá naturalmente.

A receita? Resista! E olho no mercado, esse pessoal sabe tudo, provoca tudo e salva tudo o que tiver qualquer sabor econômico, às vezes político, quando quer, quando lhe for conveniente ou fizer parte de suas políticas. Em matéria de Economia o governo é quase um coadjuvante, por isso, para sustentar-se, precisa criar mecanismos que o ajude nas crises, firmar parcerias com quem tenha os olhos nos mesmos horizontes, assegurar-se da criação de fontes financeiras fora das clássicas origens do dinheiro escravocrata, que cobra, além de juros substanciais, o preço da dignidade de toda uma população. Confortos e comodidades sem honra só servem a quem não tem muita intimidade com ela.



Acreditava até hoje que se o impedimento de Dilma não se desse por vias democráticas, que ela tivesse ao menos a dignidade de renunciar ao cargo. Mas agora, ao me debruçar (sem duplo sentido) sobre o tema deparar-me com o seguinte e pavoroso quadro: Num eventual impedimento (ou renúncia) de Dilma Rousseff, seu sucessor seria o vice, Michel Temer. E, no caso de impedimento deste, Eduardo Cunha assumiria o posto. Por fim, se Eduardo Cunha sofresse também um impedimento (ou renunciasse), teríamos o Renan Calheiros a presidir a nação. Socorro! Sabe o quê? Mudei de posição: Fica, Dilma!

TONY BELLOTTO

